

NOAS LITERÁRIAS

III



Para admirar esta...

e outras obras.

Apreciação de leitura

Brasília, DF

—

julho/2018

*Leio romances, porque por eles conheço
o mundo, o homem, as nações, os povos
e, ainda que ficção, alcanço o real.*

Leitor: Armindo Ferreira

Origem

Dan Brown

Obra de suspense que absorve e estimula o leitor no virar de cada página, em que um cientista promete revelar ao mundo uma descoberta revolucionária que acabaria com todas as religiões. Como adverte, a historinha de Adão e Eva acabaria ali.

A narrativa se passa, com muita propriedade, na Espanha. Em Barcelona, o cientista Edmond Kirsch constrói, em segredo, um gigantesco computador, capaz de chegar a uma resposta para a questão milenar do homem: “De onde viemos? Para onde vamos?”

Robert Langdon, conhecido detetive nas obras do autor, continua com o papel em destaque, mas não é ele o protagonista e sim Winston. Este é um personagem, criado pelo cientista, do qual só se tem a voz. Nesta condição, é plausível dizer-se que, neste romance, o protagonista é um *ente virtual*. É ele que, arditamente, manipula o enredo de forma a obter determinado resultado. É ele que manobra, governa, dirige os demais personagens. Por fim conduz o herói (herói e protagonista que, habitualmente, são a mesma pessoa, passam, na obra, a personagens distintos) e o vilão ao embate final (clímax). É, portanto, um personagem *virtual* que aparece e se expõe no momento em que atua, isto é, se faz ator.

E o suspense? Bem... digamos que, suspensos no espaço, nos depararíamos, de repente, com um planeta habitado por seres estranhos o que nos levaria à exclamação: caramba, é o planeta dos “*etês*”!

Descobriríamos depois que afinal não era outro, era o mesmo belíssimo Terra!

“Todos deveríamos fazer o que muitas igrejas já fazem: admitir abertamente que Adão e Eva não existiram, que a evolução é um fato e que os cristãos que declaram o contrário fazem com que todos nós pareçamos idiotas. (...). “Não acredito que o mesmo Deus que nos dotou de inteligência, razão e bom senso... quisesse nos privar de usá-los”. (padre Beña) p. 424/25

E a descoberta revolucionária? Digamos que não seria tão revolucionária... extraordinária, sim! porém, já um tanto óbvia.

(BROWN, Dan. *Origem*. Trad. de Alves Calado, São Paulo, Arqueiro, 2017)

Pedras do Rio

Ursula Hegi

É um romance longo, ultrapassa as 500 páginas, que mostram o desenrolar da vida numa pequena cidade alemã, Burgdorf, nos anos de 1915 a 1952.

A trama começa, portanto, sob os efeitos da Primeira Guerra Mundial, estende-se por toda a Segunda, e pelos tempos difíceis do pós-guerra. Mostra os horrores da guerra; o fanatismo doentio provocado pelo nazismo; a influência que um líder desenvolve por toda uma população, impondo sua loucura, conseguindo a adesão, em

que uns aderem por vontade e outros por medo; a feroz perseguição a pessoas discriminadas pela raça (os judeus), ou por não aderirem ou, ainda, por serem denunciadas porque falaram mal do regime.

A cidade Burgdorf é certamente fictícia, mas ficaria perto de outras bem conhecidas, como a cidade de Dresden, destruída pela aviação anglo-americana

Mas o que mais incita a leitura é a criação de um personagem: uma anã, *zwergerl* em alemão. O nome dela é Trudi, redução de Gertrud, nome da mãe.

É personagem fantástica pelas suas características. Personalidade ímpar e forte, vai sendo construída e conhecida ao longo da narração. Seduz por dois traços antagônicos: o ódio e a generosidade.

Ódio por tudo que é discriminação: quando ela mesma é a vítima; quando são vítimas os judeus; ou quando a discriminação é dirigida a um personagem jovem, porque é gordo, comilão e, aparentemente, lerdo.

Generosidade, porque está sempre pronta a ajudar, principalmente aos tais perseguidos.

“A protagonista é Trudi Montag, uma anã que, ao ser marginalizada por sua condição física, se torna o símbolo da recusa em compactuar com o silêncio dos habitantes da cidadezinha durante e depois da guerra”.
(orelha)

(HEGI, Ursula. *Pedras do Rio*. Trad. de Ana Z. Campos, Rio de Janeiro, Record, 2000)

Debaixo das Rodas

Hermann Hesse

O autor, numa crítica ao sistema educacional da época (começo do século XX) na Alemanha, narra a história de Hans Gierenbath.

Hans era um menino esforçado que gostava de estudar. Chegava a ser brilhante em competição com seus discípulos. Professores, reitor, pároco faziam-se mentores, inflavam-lhe o ego, levando-o a se aplicar exageradamente aos estudos, mais preocupados com o prestígio da escola e o prestígio deles próprios.

Hans preparou-se para os exames de introdução ao seminário em Stuttgart, tirou o 2º lugar, mas debaixo de desgastante pressão psicológica, de muita angústia e ansiedade. Vai para o Seminário de Maulbronn e continua sendo um aluno aplicado, destacando-se entre todos.

Conhece Hermann Heilner, discípulo, poeta, espírito brilhante, mas que estuda apenas para satisfazer o boletim. É questionador e rebelde e acaba sendo expulso.

Sofrendo o revés do companheiro e amigo, vai perdendo o estímulo e passa a duvidar de toda aquela aprendizagem livresca. Desinteressa-se dos estudos e, de queda em queda, adoece e volta definitivamente para a sua terra, onde sente o desprezo dos que antes o prestigiavam e envaideciam.

O pai, então, impõe-lhe duas opções: ser mecânico ou escriturário. Entra para aprendiz de mecânico.

Convidado, comparece à festa de um amigo. Fica embriagado, volta sozinho para casa e, no caminho, angustiado, decepcionado, humilhado, atira-se ao rio e morre.

Esta obra foi publicada, mais adiante, sob o título de *Menino Prodígio* pela Record.

(HESSE, Hermann. *Debaixo das Rodas*. Trad. de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977)

Homens e Escravos

Tolstoi

Vassíli Andreítch Brecunov e Niquita fazem uma viagem de trenó para alcançarem uma aldeia onde Vassíli projetava comprar uma propriedade florestal.

Vassíli é o patrão, rico, orgulhoso, egoísta. Tem desprezo por pessoas de posição inferior. Precisa de Niquita, o criado explorado, que, no fundo, despreza.

Na viagem, enfrentam tempestade de neve, perdem-se por várias vezes e, na última, ficam isolados num deserto de neve, durante toda uma noite. Vassíli, com medo de morrer, pega o cavalo e foge, pensando alcançar alguma aldeia e abandona Niquita, entregue à sua própria sorte. Porém não vai longe. Só encontra neve, e o cavalo, extenuado, cai, consegue levantar-se, e prossegue, deixando o dono para trás. Este, desesperado, temendo a morte, procura seguir as pegadas do cavalo e chega ao ponto de partida, onde encontra Niquita regelado e já quase sem vida.

Vassíli, sentindo que a morte se aproxima, sente, enfim, compaixão pelo criado. Vê nele seu igual e, então, estende seu próprio corpo sobre o dele.

Com a chegada do dia, são descobertos por camponeses. Vassíli está morto, o cavalo também. Niquita, graças ao patrão, salvou-se.

(Tolstoi e outros. *Três Novelas Russas*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1961)

Inferno

Dan Brown

Outra obra do autor cuja leitura não dá pausas tal qual filme de suspense. Trama densa, plena de ação com enigmas e mistérios.

Cenário maravilhoso: Florença, Veneza, Istambul! Assunto atual e preocupante: a densidade demográfica do planeta, caminhando para o colapso. Motivo dinamizador da trama: o *Inferno** de Dante. Estes os ingredientes para o interesse máximo na leitura.

A obra oferece um fato curioso: o vilão não é vilão! É um cientista que, ainda que tomado pelo desejo insano de alcançar a fama, quer salvar a humanidade do inferno que se aproxima com a explosão demográfica. Então, cria em laboratório secreto um vírus que, ao contrário da peste, não mata, porém reduzirá a população, gradativamente, através da infertilidade de um terço seletivo de indivíduos. Incompreendido, e ainda motivado pela notoriedade que deseja, chega ao sacrifício do suicídio.

Notável na obra, marca do autor, é a oferta de informações culturais, ao longo do percurso narrativo. Tem-se informações sobre literatura, arquitetura, escultura, pintura, música e mesmo de linguística.

Também como acontece nas outras obras, o autor, por vezes, alcança aquela fronteira em que se fica entre o verossímil e seu oposto.

* *Inferno* era o primeiro dos três livros que compunham a *Divina Comédia* de Dante Alighieri (*Inferno, Purgatório e Paraíso*).

(BROWN, Dan. *Inferno*. Trad. de Fabiano Morais e Fernanda Abreu, São Paulo, Arqueiro, 2013)

Mar de Papoulas

Amitav Ghosh

Um bom romance de autor indiano, quase um épico. História ambientada no século XIX.

O enredo segue o curso do navio Ibis, a serviço da escravatura. No navio faz-se sentir a prepotência do dominador inglês, e, na história, a prepotência escravizadora do domínio britânico.

A obra desenvolve o que foi a exploração do cultivo da papoula, a produção do ópio, a escravização do povo indiano e do povo chinês, por meio do vício imposto, a bem da cobiça do dominador.

A história do ópio é um episódio triste, cuja responsabilidade cabe a um povo que se julgava superior a qualquer outro, superior mesmo a outros povos europeus. Repeliam qualquer tipo de convivência que se aproximasse de uma relação de igualdade. Condenavam o relacionamento mais aberto de portugueses e espanhóis, que levava à miscigenação. Não aceitavam o mulato – assim descrito no romance:

“Esse é o princípio inviolável sobre o qual se baseia nossa autoridade, é o que torna nosso domínio diferente do de povos degenerados e decadentes, como espanhóis e portugueses. Ora, pois, se o senhor tem o desejo de ver o que resulta da miscigenação e da mestiçagem, tudo que tem a fazer é visitar suas colônias...” (o capitão inglês ao sargento Zachary, p. 457)

É suspeito o empenho posterior em que passou a combater a escravatura. A mudança de uma atitude para outra se fez em razão de vantagens. Vislumbravam-se já novas formas de escravização.

(GHOSH, Amitav. *Mar de Papoulas*. Trad. de Cássio de Arantes Leite, Rio de Janeiro, Objetiva, 2011).

Anno Drácula

Kim Newman

A curiosidade do livro está em que o autor, contrariamente a Bram Stoker*, faz de Drácula um vencedor. Drácula vence, fica na Inglaterra, torna-se o Príncipe Consorte da Rainha Vitória, e a vampirização toma conta da sociedade, em especial da sociedade londrina.

A casta dirigente é vampira, os ministros são vampiros, as polícias são vampiras; as classes inferiores também se vampirizam, basta que comprem uma taça de sangue; as prostitutas se esmeram na vampirização. O Império é vampiro.

“Kim Newman (londrino) reinventa o mito de vampiro subvertendo a trama num ponto crucial. Se no clássico de Bram Stoker (1897) Vlad Tepes é perseguido e banido da Inglaterra por um grupo de caçadores intrépidos, aqui ele não apenas escapa da destruição como derrota seus inimigos e assume o poder ao desposar a Rainha Vitória, tornando-se Príncipe Consorte.” (orelha)

Esta perspectiva, além de estranha, leva o leitor a se perguntar a razão dela. Com o longo reinado da Rainha Vitória, a Inglaterra se impôs ao mundo como potência dominadora. O Império a expandir-se pela força e com formas novas de exploração (colonização de povos através de comércio imposto – exemplo a exploração da papoula, Índia e China, *Mar de Papoulas*, de Amitav Ghosh).

O mundo virou uma civilização capitalista, e, certamente, seu começo está lá. O dinheiro deixou de ser um meio e tornou-se um fim em si mesmo, isto é, virou mercadoria, dinheiro a ganhar dinheiro. Todos sugam o sangue de todos, mas os ricos sugam mais. O capitalismo criou, verdadeiramente, a sociedade vampírica.

* Bram Stoker (1847 – 1912), escritor irlandês, famoso pelo romance gótico *Drácula*.

(NEWMAN, Kim. *Anno Dracula*. Trad. de Susana Alexandria, São Paulo, Aleph, 2009)

Dossiê H

Ismail Kadaré

Ficção albanesa. Dois irlandeses, Max Roth e Willy Norton, viajam para a Albânia e levam com eles uma máquina grande e pesada recém-inventada: um *magnetofônio*, aparelho precursor do gravador moderno.

Estudiosos de Homero, pretendem estudar epopeias, ainda remanescentes em regiões remotas da Albânia, para tanto gravando os cantos épicos de rapsodos, cantores que ainda cultivam essa arte milenar passada de geração a geração.

O ano é de 1930, e eles se instalam na Estalagem do Osso de Búfalo, no sopé das montanhas *Cimos malditos*. Os rapsodos, que vivem afastados da civilização, aparecem e cantam, acompanhados pela *labuta*, instrumento antigo de uma corda só, e seus cantos são gravados.

O objetivo principal é, com a recolha desse material, decifrar o enigma homérico: o método da composição da *Ilíada* e da *Odisseia*, e se Homero foi de fato autor, ou compilador e redator de material já existente.

Viram seu trabalho frustrado. Sem pretenderem tal, açularam a rivalidade existente entre sérvios e albaneses, e elementos fanáticos, vindos das montanhas, invadiram a estalagem, destruindo o aparelho e as gravações.

“O Grande Cego (Homero) se vingava dos que procuravam decifrar seu enigma.”, p. 188

(KADARÉ, Ismail. *Dossiê H*. Trad. de Hildegard Feist, São Paulo, Companhia das Letras, 1990).

Os Frutos Selvagens da Sibéria

Evgueni Ievtuchenko

Primeira obra de ficção do autor, conhecido poeta russo, e nesta obra tem-se uma linguagem, por vezes, sensivelmente poética.

É um romance que prende o leitor, ainda que nele não se destaque um enredo, um protagonista, um antagonista, elementos básicos no geral dos romances. É antes um romance de perfis humanos, singulares, bons ou maus.

Serioja, o geólogo; Tikhon Tichonovitch, o colhedor de frutos; Nikanor Sergueyitch, o colhedor de cogumelos; Gricha, chofer de caminhão. Perfis pelos quais se busca atingir o “ser-se humano” em sua essência e existência. Ainda Kiecha, o corcunda, falho no físico, íntegro na alma e bom no coração. Eduard Sityetckin, falho de caráter, mau, invejoso. Igor Selezniiov, egocêntrico, presunçoso, pernóstico.

Agrada destacar Serioja e Kiecha: personagens modelares, maravilhosamente construídos, que captam admiração e simpatia do leitor. Destaque-se ainda do personagem Nikanor Sergueyitch uma página de veras antológica de sensibilidade poética e conteúdo humano: começa com “– Ah, essa riqueza, essa riqueza!*” até “– Um sorriso, Tikhon Tikhonovitch, um sorriso – disse com suavidade o velho colhedor de cogumelos.” (cap. 5, p. 116 a 120).

* a riqueza refere-se ao que a natureza nos dá, no texto, em especial, cogumelos.

(IVTUCHENKO, Evgueni. *Os Frutos Selvagens da Sibéria*. Trad. do francês por Rita Braga, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984)

